

A Importância da Abordagem Familiar Integrada no Cuidado do Indivíduo com **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**



Maria Claudia Nunes dos Santos Pereira
Psicóloga e Coordenadora de Práticas Assistenciais das Clínicas Dasa de Terapias Especiais para TEA



Artur Keichichian Filho
Psicólogo Especialista em Análise do Comportamento, Neurociência e Psicologia Aplicada

dasa educa

1. Importância da abordagem familiar no tratamento de indivíduos com TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento com implicações para toda a vida. Historicamente, grande parte das pesquisas e dos esforços clínicos concentrou-se na infância. No entanto, é fundamental que a nossa prática clínica amplie o horizonte para os desafios que acompanham esses pacientes ao longo da adolescência e da vida adulta. Adultos com TEA apresentam um risco maior de desenvolver transtorno mental concomitante, com maiores taxas de prevalência de ansiedade, depressão e outras condições. Portanto, é fundamental que se discutam intervenções eficazes na criança e no adolescente com TEA que possam colaborar com a redução da chance dessas comorbidades.[1]

A influência da saúde mental dos pais na construção de aspectos emocionais e comportamentais dos indivíduos adultos é bem reconhecida. Nesse sentido, a literatura aponta a necessidade de que sejam considerados aspectos relacionados à vida dos pais como potenciais influenciadores na saúde mental dos seus filhos com TEA. Os chamados eventos adversos ao longo da vida seriam, por exemplo, doença ou morte de um parente próximo; experiência prévia de violência, como ter sido vítima de algum crime; dificuldades relacionadas a emprego e financeiras ou problemas relacionais.

2. Estudo comentado

Sob essa perspectiva, um estudo longitudinal foi conduzido por pesquisadores do King's College London (Matthew J. Hollocks *et al.* de 2021), que acompanharam pacientes com TEA da infância até o início da idade adulta, com avaliações em três momentos: aos 12, 16 e 23 anos. Os autores investigaram a associação de aspectos da vida dos pais de indivíduos com TEA, especialmente eventos adversos ao longo da vida, estresse e saúde mental com alterações emocionais e de comportamento de adultos jovens com TEA.

A amostra incluiu adultos jovens com TEA com média de idade de 23,1 anos (desvio-padrão: 21,3 – 25,1), com QI total médio de 84,5 (variação: 40–124) medido aos 23 anos de idade. Outros resultados importantes do estudo estão resumidos na Figura 1.

Figura 1 Achados importantes do estudo.

Eventos adversos e vulnerabilidade

Os pais incluídos no estudo relataram como eventos adversos mais comuns: mudança do local de residência (43%), testemunhar alguém sendo machucado ou sofrendo morte (35%) e necessitar de ajuda social governamental nos últimos 5 anos (35%). **Houve associação entre a ocorrência de exposição a eventos adversos ao longo da vida dos pais com a ocorrência de problemas emocionais e alterações comportamentais na vida de jovens adultos com TEA.**

Estabilidade dos sintomas emocionais e das alterações comportamentais dos indivíduos acompanhados com TEA ao longo da vida

Essas características apresentaram uma considerável estabilidade ao longo do tempo no estudo.

O papel vital da saúde mental parental

Os autores demonstraram que níveis mais elevados de estresse e maior ocorrência de transtornos mentais dos pais estão independentemente associados a uma maior frequência de problemas comportamentais nos jovens adultos com TEA. O impacto do autismo, portanto, se estende à família. O estresse de cuidar de um adulto com TEA pode ser comparável ao experienciado por cuidadores de indivíduos com esquizofrenia ou depressão maior.

Fonte: Própria dos autores.

Os resultados dos autores do estudo aqui comentado demonstraram que eventos adversos na vida dos pais, como mudanças de residência, luto ou instabilidade socioeconômica, estiveram diretamente associados a problemas emocionais e comportamentais nos filhos com TEA.

Na prática clínica, uma das maiores barreiras encontradas é o trabalho de orientação parental. A adesão dos pais ao processo terapêutico é, muitas vezes, dificultada pelo próprio nível de estresse e sobrecarga que enfrentam.

Sob a ótica da análise do comportamento, observa-se que a saúde mental dos pais impacta de forma mais direta e robusta a regulação do comportamento, como agressividade e condutas disruptivas, do que propriamente a regulação emocional em ansiedade e depressão. Isso sugere que o ambiente familiar atua como um regulador externo crítico para o manejo de comportamentos clinicamente significativos.

Portanto, o apoio familiar não é apenas um suporte emocional, tendo o potencial de remover barreiras de acesso ao cuidado. Estressores familiares elevados frequentemente impedem que o indivíduo com TEA receba ou mantenha intervenções baseadas em evidências. **Quando a família está desestruturada ou sobrecarregada, o cuidado acaba sendo centralizado exclusivamente na clínica, o que limita a generalização de habilidades do indivíduo com TEA.**

3. Conclusões para a prática

Os dados do estudo de Matthew J. Hollocks *et al*. (2021) demonstram a importância da aplicação da abordagem familiar em indivíduos com TEA. **Intervenções que considerem individualmente o contexto familiar, especialmente os pais, têm potencial maior de eficácia na promoção da saúde mental de indivíduos com TEA. Fornecer apoio à saúde mental dos pais não é apenas um ato de empatia, mas, sim, uma intervenção clínica com possibilidade de gerar benefícios diretos na regulação comportamental do indivíduo com TEA ao longo da vida.** Ao reduzir o estresse parental e fortalecer a rede de apoio, promovemos um ambiente que favorece a regulação comportamental e a continuidade do tratamento. **O cuidado deve ser compartilhado entre clínica e família, garantindo que o adolescente e o adulto com TEA tenham suporte em todos os seus contextos de vida.**

Conte com a nossa parceria na jornada terapêutica do seu paciente! A Dasa dispõe de um ecossistema completo de serviços integrados de tratamento para o TEA, com uma equipe multidisciplinar qualificada para oferecer diagnóstico preciso, intervenções baseadas em evidências e suporte extensivo à família.

Maria Claudia Nunes dos Santos Pereira

Psicóloga e Coordenadora de Práticas Assistenciais das Clínicas Dasa de Terapias Especiais para TEA.

Especialista em Emprego Apoiado e Inclusão pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Especialista em Psicologia Clínica Hospitalar pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP).

Pós-Graduação em Gestão de Serviços de Saúde pelo Hospital Israelita Albert Einstein (Einstein).

Artur Keichichian Filho

Psicólogo (2018), com pós-graduação em Análise do Comportamento, Neurociência e Psicologia Aplicada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie), e especialista em Neuropsicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Atua na Dasa, com experiência em desenvolvimento atípico e no atendimento ao público neurodivergente.

É focado no suporte estratégico a famílias e instituições por meio de intervenções baseadas em evidências.

Referência:

Hollocks MJ, Kent R, Lukito S et al. The association of adverse life events and parental mental health with emotional and behavioral outcomes in young adults with autism spectrum disorder. Autism Res. 2021;14(8):1724-1735.



RT: Dr. Cristovam Scapulatempo Neto – CRM-SP 102037